

**PÓS – COLONIALIDADE E DECOLONIALIDADE, DESCONSTRUÇÃO DOS
CONCEITOS UNIVERSAIS, EM BUSCA
DA PLURIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

POST - COLONIALITY AND DECOLONIALITY, DECONSTRUCTION
UNIVERSAL CONCEPTS, IN SEARCH OF PLURIVERSITY IN THE
CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

Lauren Pietra Canan¹

Taiane Taís Habitzreiter²

RESUMO

O presente artigo tem por intuito apresentar algumas correntes teóricas que discutem e refletem sobre os estudos pós-coloniais e decoloniais. Focando principalmente na corrente Decolonial que vem crescendo nos últimos anos na América Latina. Busca-se assim discutir os reflexos do encontro colonial, as violências proporcionadas pelo mesmo e as relações de poder evidenciadas nesse momento histórico. Por isso, tem-se como objetivo pensar caminhos na produção intelectual que proporcionem uma ruptura diante dos enfrentamentos que permanecem e refletem diante do que foi a colonização. Para a construção desse projeto serão utilizados autores como CONNELL (2012), que discorre sobre a iminência da revolução perante a teoria social e o conhecimento produzido na metrópole; COSTA (2008), que busca evidenciar as concepções de “Europa e o Resto do mundo”; MIGNOLO (2008,) que conduz uma discussão sobre a desobediência epistêmica na qual afirma que é necessário romper as grades modernas da teoria política; além de outros intelectuais que irão ser apresentados ao decorrer do artigo. Ao proporcionar esse momento de apresentação e reflexão acredita-se que se traz presente as vozes silenciadas e a real participação dos subalternos colonizados, que através de suas perspectivas, e apontamentos diante das relações sociais e de uma política global, são capazes de romper e enfrentar as leis “universais” vigentes atualmente.

Palavras-chave: Encontro Colonial; Subalternidade; Pós – Colonial; Pensamento Decolonial;

ABSTRACT

¹ Licenciada em Ciências Sociais e Pedagogia. Mestra em Educação - Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó-SC. E-mail: laurenpietacanan@gmail.com.

² Graduação em Gestão da Tecnologia da Informação. Especialização em Educação a Distância Gestão e Tutoria. Especialização em Docência para Educação Profissional. Mestranda em Educação. Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó-SC. E-mail: taianetais@hotmail.com

This article aims to present some theoretical currents that discuss and reflect on post-colonial and decolonial studies. Focusing mainly on the Decolonial current that has been growing in recent years in Latin America. Thus, we seek to discuss the reflexes of the colonial encounter, the violence provided by it and the power relations evidenced in this historical moment. Therefore, the objective is to think of ways in intellectual production that provide a break in the face of the confrontations that remain and reflect on what colonization was like. For the construction of this project, authors such as CONNELL (2012) will be used, who talks about the imminence of the revolution in the face of social theory and the knowledge produced in the metropolis; COSTA (2008), which seeks to highlight the concepts of "Europe and the Rest of the World"; MIGNOLO (2008,) who conducts a discussion on epistemic disobedience in which he states that it is necessary to break the modern grids of political theory; in addition to other intellectuals who will be presented throughout the article. By providing this moment of presentation and reflection, it is believed that the silenced voices and the real participation of the colonized subalterns are present, who through their perspectives, and notes in the face of social relations and a global policy, are able to break and face the "universal" laws in force today.

Keywords: Colonial Encounter; Subalternity; Post - Colonial; Decolonial Thinking;

INTRODUÇÃO

Os reflexos da colonização, da expansão colonial³ e do dito encontro colonial, encontram-se refletidos diariamente na vida dos brasileiros e de todos os povos colonizados. Ao partir de um mundo de ideias universais, somos quase todos os dias conduzidos por uma perspectiva europeia, seja em nosso cotidiano, em nossa alimentação, nas roupas que usamos, e, principalmente, na produção de conhecimento intelectual.

Diante dos referidos aspectos, há algum tempo as Ciências Sociais passam por um processo de desconstrução, que parte de correntes de pensamento crítico latino-americano que buscam analisar a maneira com que o mundo se desenvolve na atualidade. Além disso, como a política global e as relações sociais se organizam

³ A expansão colonial iniciada pelos países europeus no século XV nas grandes navegações constitui um dos capítulos mais importantes da história moderna. Se, por um lado, seus defensores vêem nela uma incontestável ação civilizadora, é certo que, por outro, acarretou a desaparecimento de importantes culturas e a sujeição de numerosos povos às necessidades e interesses coloniais MENESES, Raquel (2010).

para enfrentar as diferentes temporalidades, localização de poder e conhecimento nesta parte do mundo, e uma destas correntes se chama Pensamento Decolonial.

O pensamento Decolonial propõe que o indivíduo seja crítico diante das teorias estabelecidas como pós-coloniais, refletindo diretamente sobre o processo e os reflexos da colonização e sobre os povos colonizados. Desta forma, o intuito deste artigo é pensar no que foi o encontro colonial - como o mesmo afetou e afeta o cotidiano dos indivíduos colonizados e a produção intelectual. Além disso, busca refletir sobre a proposta do já citado pensamento Decolonial e como o mesmo é capaz de romper as barreiras construídas por meio da colonização na América Latina e, principalmente, no Brasil. Seja esse processo desenvolvido nas vivências diárias dos povos colonizados, mas primordialmente, na produção do conhecimento que parte destes indivíduos.

O ENCONTRO COLONIAL E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

A primeira onda do colonialismo europeu, segundo relatos documentados, foi em meados da década de 1490, quando Portugueses e Espanhóis colonizaram a América do Sul e o Caribe. Mais de 530 anos separam este acontecimento histórico da atualidade, no entanto, ainda hoje - e de forma estrepitosa - os países colonizados espelham os traços da colonização. Os reflexos deste encontro colonial⁴ são evidenciados pela maior parte das pessoas do mundo – direta ou indiretamente/interna ou externamente. Se não bastassem as práticas diárias refletidas sobre esse percurso, quase que de forma unânime as produções intelectuais que contam a história desse período, e da atualidade, alimentam-se de uma visão eurocêntrica.

Essa situação é avistada, por exemplo, em concepções teóricas e produções das Ciências Sociais modernas - sociologia moderna. As obras têm uma narrativa

⁴ Encontro Colonial: termo utilizado por CONNELL (2012) em sua obra – “A eminente revolução da Teoria Social”. Este “encontro”, além de ser uma conquista colonial por parte dos colonizadores, também implicou na construção da sociedade colonial e nas relações de poder, na qual ocasionou uma luta que busca a descolonização.

com enfoque no Estado-nação⁵ “ocidental” configura uma imagem heróica e promissora da expansão colonial, que ofusca outras narrativas não produzidas na metrópole. Isso ocasiona uma metodologia comparativa que instiga a concepção de modernidade por parte do Ocidente e atraso do resto do mundo, o que acarreta uma intercessão social, como diz COSTA (2008):

A metodologia da comparação implícita e o tipo de narrativa histórica da sociologia moderna fazem com que tudo o que é diverso no “resto do mundo” seja decodificado como um ainda não existente, uma falta a ser compensada por meio da intervenção social cabível em cada contexto e em cada época histórica: dominação colonial, ajuda ao desenvolvimento, intervenção humanitária etc. (COSTA, 2008. p.120).

Ainda segundo Costa (2008), ao se formarem espécies de comparações como “civilizados” e “não civilizados”, “evoluídos” e “não evoluídos”, e estas servirem como estímulo para uma intervenção social “cabível”, fomenta-se uma polaridade na qual existiria o Ocidente - e seu desenvolvimento mesclado, a sua civilização - e o Resto do Mundo, transposto por selvagens e proveniente de um atraso, no qual estaria ainda a se desenvolver. Olhando por essa perspectiva, as teorias das Ciências Sociais modernas, na maioria das vezes, não percebem a dominação impregnada - que é capaz de silenciar inúmeras vozes. Desta forma, não oportuniza-se o diálogo com os afetados pelo processo de colonização.

A DOMINAÇÃO EXISTENTE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE EUROPA E RESTO DO MUNDO

Quando a historicidade dos acontecimentos é levantada através da visão de “Europa” e o “Resto do Mundo”, constrói-se uma análise com o intuito de compreender a dominação ocasionada através da expansão colonial, mas não é levado em consideração a dominação subjetiva que encontra-se na pesquisa ao partir dessa perspectiva.

São inúmeras as obras de intelectuais famosos, e diariamente estudados nas Ciências Sociais, que são utilizados para explicar relações do dia-a-dia dos povos

⁵ O estado-nação: O indivíduo tem o estado como seu elemento constituinte fundamental, e se apoia na ideia de que faz parte de uma só nação; PEREIRA (2008).

colonizados, uma vez que o conhecimento produzido na metrópole - lugares de ascensão na Europa – disseminou-se pelo mundo. Percebe-se então que o debate intelectual, a metodologia, o processo de dados e as discussões que partem de instituições de ensino, dos centros de artes e dos grandes núcleos de pesquisas da metrópole - o conhecimento de teorias que conquista o “Resto do Mundo” - é disparado de um só lugar.

As Ciências Sociais “modernas”, como já dito, proporcionam, na maioria de suas discussões, esse percurso para a formação intelectual, CONNELL (2012) em seu texto “A iminente revolução na teoria social.” faz uma crítica ao dizer que:

Na Austrália ou no Brasil, nós não citamos Foucault, Bourdieu, Giddens, Beck, Habermas etc. porque eles conhecem algo mais profundo e poderoso sobre nossas sociedades. Eles não sabem nada sobre nossas sociedades. Nós os citamos repetidas vezes porque suas ideias e abordagens tornaram-se os paradigmas mais importantes nas instituições de conhecimento da metrópole – e porque nossas instituições de conhecimento são estruturadas para receber instruções da metrópole. (CONNELL, 2012, p.10).

Dizendo isso, o CONNELL (2012) traz à tona uma discussão diante de boa parte do que se lê, ou se cita nas análises desta área do conhecimento. As bases estudadas estão vinculadas às teorias do centro, que na maioria das vezes não condizem à realidade social do objeto estudado. Textos como os de Foucault e Bourdieu, que são citados pelo autor, partem das teorias da metrópole - como já foi abordado - e acabam por excluir a historicidade do colonialismo presente em regiões da América do Sul e da África, por exemplo. Eles não apresentam uma perspectiva de quem foi colonizado, ou teve envolvimento com a colonização – fazem então uma análise isenta de deliberações externas. Em um apanhado mais afundo das teorias e historicidades afetadas por essa conceituação – as teorias das metrópoles - apresenta-se aqui o exemplo da África, e dos denominados estudos africanos, como a sociologia africana, a cultura africana, a política africana e a própria história africana.

Segundo HOUNTONDJI (2008) esses estudos são objeto de ensino e pesquisa que transcendem as próprias sapiências africanas e os sistemas que lhe dão origem. Assim, adentram incalculáveis direções de análises e apurações. Essas movimentações, de acordo com o autor, resultam em indagações referentes aos conteúdos trabalhados, como disserta em uma passagem do texto: “Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas Perspectivas sobre os Estudos Africanos”:

Todavia, pelo menos uma outra questão se coloca: quão africanos são os chamados estudos africanos? Por exemplo, por história africana entende-se normalmente o discurso histórico sobre África, e não necessariamente um discurso histórico proveniente de África ou produzido por africanos. Em termos gramaticais, referimo-nos à história de África: historia África em Latim, em que África é, genitivo de África, seria um genitivo objetivo, e não um genitivo subjetivo. Na mesma ordem de ideias, a sociologia ou a antropologia africanas significam a sociologia ou antropologia de África enquanto genitivo objetivo, ou seja, um discurso sociológico ou antropológico sobre África e não uma tradição sociológica ou antropológica desenvolvida por africanos em África. Da mesma forma, a linguística africana é entendida como o estudo de línguas africanas e não necessariamente um estudo feito por africanos. (HOUNTONDJI, 2008, p.151).

As hesitações do intelectual acentuam as convicções explanadas. A crítica detectada nesta seção do texto, e nos segmentos apontados por meio dos outros autores, é referente a uma história exteriorizada – parte do imaginário dos autores, de esquadrinhamentos daqueles que não estavam presentes nesses estágios da história. Sendo assim, existe uma preocupação descomunal de autores como Hountondji, no que se refere à legitimação de uma dominação hierárquica e uma história pautada sobre a colonização que acaba se transportando com universal, sem considerar a temporalidade dos acontecimentos.

Os autores aqui citados propõem que esses períodos históricos, e especificamente o da colonização, decorram de um movimento no qual os subalternos, termo usado por COSTA (2008) – indivíduos afetados e oprimidos pelas relações de poder - discorrer através de suas perspectivas os acontecimentos versados por esse encontro colonial. Dar voz a esses indivíduos permitiria que a história da África – recorte a título de exemplo - não seja apenas uma narrativa dos acontecimentos, mas que baseie-se em vivências dos africanos, no qual a compreensão do desenvolvimento de países que foram colonizados não tornem-se apenas um comparativo ao desenvolvimento europeu. Isso permitirá que os intelectuais nativos desse contexto desenvolvam análise dessas progressões diante de suas características próprias, sendo capazes assim de uma ruptura das visões epistêmicas na qual outras pessoas falam pelos subalternos.

DIFERENÇAS ENTRE AS TEORIAS DE DECOLONIALIDADE E PÓS-COLONIALIDADE.

As teorias consideradas pós-coloniais apresentadas até o momento são extremamente importantes para a construção de um pensamento crítico e argumentativo - principalmente na produção intelectual. No entanto, com a crescente movimentação de discussões como a da colonização, novos movimentos e pensamentos adentraram o contexto, principalmente na América Latina, e ganham cada vez mais espaço. Para ilustrar o que quero dizer, dando continuidade a essa reflexão sobre o encontro colonial, e enriquecendo o diálogo proposto, trago as discussões quanto ao Pensamento Decolonial, que distingue-se das teorias pós-coloniais apresentadas até o momento.

Antes de apresentar o foco principal do Pensamento Decolonial, aponto algumas diferenças entre o mesmo e as teorias pós-coloniais, para que seja possível visualizar as diferenças entre essas duas correntes teóricas. A principal diferença entre as duas, segundo SAID (2007), encontra-se diante de que o pensamento Decolonial tende por operar problematizando a colonialidade. Já os estudos pós-coloniais, na constituição do colonialismo. As localidades estudadas por ambos também divergem, os teóricos pós-coloniais refletem sobre a Ásia e a África, já os Decoloniais sobre o Caribe e a América Latina; e por fim, segundo MIGNOLO (2007), autor que voltaremos a mencionar adiante, o pensamento Decolonial firma-se em características próprias da Decolonialidade, indo além do pós-estruturalismo francês.

PENSAMENTO DECOLONIAL: DA VIOLÊNCIA EPISTÊMICA A DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA NAS PRODUÇÕES INTELECTUAIS.

O Pensamento Decolonial, movimento que vem adentrando a América Latina nos últimos anos, propõe um enquadramento teórico, e um projeto intelectual crítico, que segundo MIGNOLO (2008), investiga a rede de modernidade e colonialidade. No entanto, ao invés de elaborar um único conceito para essa região em específico, inúmeros teóricos buscam, através de seus estudos, possíveis transformações nos termos e produções que se aludem às tantas articulações locais.

Buscando discernimento ao que se refere a colonialidade e colonialismo - sendo o colonialismo apontado como uma experiência histórica característica da

colonialidade - o Pensamento Decolonial adentra articulações da modernidade a compreender que a mesma precisa ser analisada como algo indissolúvel a colonialidade. A colonialidade, segundo os autores desta corrente, é produzida através da modernidade - uma vez que a modernidade é pensada como um processo civilizatório e fragmenta as sociedades em modernos e não modernos.

Por trás do discurso de modernidade existe a visão eurocêntrica, antes já comentada. As narrativas históricas, sociológicas, políticas e culturais estão carregadas desta visão da metrópole e estigmatizadas pelo conceito da modernidade - que é concretizada na Europa e exportada para o resto do mundo. A violência epistêmica é constatada pela corrente Decolonial, e uma proposta de descentralização das concepções é argumentada, a partir da percepção que os conceitos universais são muitas vezes alimentados por meio do senso comum e do eurocentrismo evolucionista.

Ao invés da criação de um novo paradigma, os intelectuais do pensamento Decolonial o consideram um paradigma, que questiona modelos e características epistêmicas evidentes, e asseguram que a opção para vigente para a Decolonialidade é a epistemologia, segundo MIGNOLO (2008):

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta [...]Conseqüentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender (como tem sido claramente articulado no projeto de aprendizagem Amawtay Wasi, voltarei a isso), já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial. (MIGNOLO, 2008, p.290).

MIGNOLO (2008), parte desta concepção e propõe em, contraposição a violência epistêmica evidenciada pelos outros autores, uma desobediência epistêmica que seria a descolonização política e epistêmica. Nesta, há uma ruptura das grades teóricas modernas que ocasiona uma negação na posição inferior ocupada por aqueles vistos como não modernos, seja na religião, na raça ou nas questões de gênero. Para que a desobediência ocorra além da ruptura, segundo ele, não basta apenas que os conteúdos e conceitos sejam modificados, mas que ocorra uma transformação no contexto atual para que conversações e diálogos sejam possibilitados.

Apoiar a desobediência epistêmica é compreender a crítica ao eurocentrismo, reconhecendo que o conhecimento produzido deve ser situado a um período

histórico. Libertar-se da concepção eurocêntrica é compreender que cada indivíduo, e cada povo, tem sua historicidade - carregada de cicatrizes e costuras que constituem o rosto de uma sociedade. A proposta Decolonial é criada para estabelecer diálogos construtivos entre os diversos povos da América Latina, com o intuito de que se pense na especificidade da história desse povo. Também, como os intelectuais latino-americanos vem constituindo os debates referentes à história, filosofia, cultura e sociologia, rompendo a barreira eurocêntrica.

Desta forma, epistemologicamente falando, o movimento que vem se consolidando diante do projeto Decolonial não apenas tem como intuito a crítica ao eurocentrismo, ou a visão „Europa e o Resto do Mundo“, mas pretende evidenciar para os latino-americanos, assim como para os outros indivíduos. Que é possível a concretização de outros mundos, nos quais se contrapõem o modelo global de totalidade e defende-se a concepção de pluridiversidades - que consiste na desconstrução dos conceitos universais e fomentam a discussão dos conhecimentos pluriversal, no qual são permitidas inúmeras formas de percepção e observação do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos algumas das propostas estabelecidas pelas teorias Pós-coloniais e Decolonial, é necessário que olhemos para as nossas percepções de mundo, e tentemos compreender a partir de que fomentamos nossa produção de conhecimento, discussão em sala de aula, e as conversas com nossos próprios amigos e vizinhos. É normal que sem nos darmos conta, acabamos por criar pontos de vista a fim de conduzir um julgamento sobre diversas situações, apontado como já citado o que é moderno e não moderno, desenvolvido e em desenvolvimento, civilizado e não civilizado. É interessante que não só os Cientistas Sociais modernos pensem nesse processo de modernidade/colonialidade, mas que os indivíduos como um todo estejam buscando compreender quais as perspectivas e consequências impregnadas nas concepções dos que produzem e reproduzem conhecimento.

Mesmo que em uma discussão breve como esta, é visível perceber algumas concepções e apontamentos de campos de estudos distintos sobre o processo de

construção da América Latina que temos hoje, na qual a sistematização teórica seja ora pós-colonial, ora Decolonial acaba por deixar pequenas pistas, pesquisas e ferramentas para o análise mais a fundo de desafios já encontrados e de outros que ainda estão por vir, quando se faz esse movimento.

A análise feita hoje sobre os impactos da colonização, e a colonialidade vigente carregam consigo a tentativa de que esses impasses históricos sejam superados. Desta forma é de suma importância o desenvolvimento de condições epistêmicas que pensem nas particularidades da América Latina. Sejam estas, as particularidades dos estudantes, das mulheres, dos negros, indígenas e tantos outros provos dessa localidade. No qual, a fragmentação de análise em grupos distintos adensa uma produção intelectual rica de peculiaridades, capaz de romper os conceitos universais que não representam todos os povos.

REFERÊNCIAS

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 27, p. 09-20, 2012. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a01.pdf>>. Acesso: mar 2022.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial.

Revista brasileira de ciências sociais, v. 21, p. 117-134, 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v21n60/29764.pdf>>. Acesso: mar 2022

HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 149-160, 2008.

Disponível em: <file:///C:/Users/NEAD02/Downloads/rccs-699.pdf>. Acesso: mar 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Walter Mignolo: una vida dedicada al proyecto decolonial. **Nómadas** (Col), n. 26, p. 186-195, 2007. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/1051/105115241017.pdf>>.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251728/mod_resource/content/0/op%C3%A7%C3%A3o%20descolonial%20walter%20mignolo.pdf>. Acesso: mar 2022.